

Caçadores/as de beleza: educação do olhar no ensaio de uma vida

Beauty hunters: education of the look in
the test of a life

Cazadores de belleza: la educación de
la mirada en la prueba de una vida

Alcidesio Oliveira da Silva Junior¹

Diego dos Santos Reis²

1 Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (UFRPE/CNPq) e do Ensaio – Vida, Pensamento e Escrita em Educação (UFPB/CNPq). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7383304640840934>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5536-064X>. E-mail: ateneu7@gmail.com

2 Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), líder do Travessias – Grupo de Pesquisa em Filosofia e Educação Antirracista (UFPB/CNPq). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4681354757357359>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6977-7166>. E-mail: diegoreis.br@gmail.com

RESUMO

Podemos ensaiar novos passos através de imagens que respigam e reverberam o cotidiano de estéticas não percebidas? Como um exercício crítico ético-político, o ensaio relata experiências sensíveis com alunos/as de Pedagogia do componente curricular de Filosofia da Educação II, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, por meio de suas fotografias-ensaios. No desenho das linhas de força produzidas pela metodologia cartográfica, entendemos que a vivência no curso possibilitou um novo olhar para a formação docente dos/as estudantes e promoveu interlocução ativa com as pessoas docentes envolvidas no processo pedagógico. A suspensão do tempo, proporcionada pelo momento de atenção e enquadramento das imagens, transformou espaços cotidianos ignorados, preenchendo-os de uma estética inesperada. Ao ensaiar outras possibilidades de representação, de figuração e de enunciação com imagens, a pedagogia da/com imagem abre caminhos para construção de conhecimento crítico que, em diversas linguagens e materialidades, desafia estudantes e educadoras/es à partilha do sensível. No ensaio, dialogamos com aportes teóricos de pensadores/as que tematizam possibilidades expressivas e educativas abertas pelas imagens, suas tensões e potências.

PALAVRAS-CHAVE

Formação docente; Experiência estética; Imagem; Pedagogia; Fotografia.

ABSTRACT

Can we rehearse new steps through images that reflect and reverberate everyday unnoticed aesthetics? As a critical ethical-political exercise, the essay reports sensitive experiences with Pedagogy students from the curricular component of Philosophy of Education II, from the Education Center of the Paraíba Federal University, through their photographic essays. In the design of the lines of force produced by the cartographic methodology, we understand that the experience in the course enabled a new look at the teaching training of students and promoted active dialogue with the teaching staff involved in the pedagogical process. The suspension of time, provided by the moment of attention and framing of the images, transformed ignored everyday spaces, filling them with an unexpected aesthetic. By rehearsing other possibilities of representation, figuration and enunciation with images, the pedagogy of/with image opens paths for the construction of critical knowledge that, in different languages and materialities, challenges students and educators to share the sensitive. In the essay, we dialogue with theoretical contributions from thinkers who discuss the expressive and educational possibilities opened by images, their tensions and powers.

KEY-WORDS

Teacher training; Aesthetic experience; Image; Pedagogy; Photography.

RESUMEN

¿Podemos ensayar nuevos pasos a través de imágenes que reflejen y reverberen estéticas cotidianas desapercibidas? Como ejercicio crítico ético-político, el ensayo relata experiencias sensibles con estudiantes de Pedagogía del componente curricular de Filosofía de la Educación II, del Centro de Educación de la Universidad Federal de Paraíba, a través de sus ensayos fotográficos. En el diseño de las líneas de fuerza producidas por la metodología cartográfica, entendemos que la experiencia vivida en el curso permitió una nueva mirada a la formación docente de los estudiantes y promovió el diálogo activo con el profesorado involucrado en el proceso pedagógico. La suspensión del tiempo, proporcionada por el momento de atención y encuadre de las imágenes, transformó espacios cotidianos ignorados, llenándolos de una estética inesperada. Al ensayar otras posibilidades de representación, figuración y enunciación con imágenes, la pedagogía de/con imagen abre caminos para la construcción de conocimientos críticos que, en diferentes lenguajes y materialidades, desafían a estudiantes y educadores a compartir lo sensible. En el ensayo dialogamos con aportes teóricos de pensadores que discuten las posibilidades expresivas y educativas que abren las imágenes, sus tensiones y poderes.

PALABRAS-CLAVE

Formación de docentes; Experiencia estética; Imagen; Pedagogía; Fotografía.

Introdução

O céu no seu vigor púrpura, a cachaça-lembrança de vô, o beijo do sol e da lua, a chanana vigorosa no chão, o gato instintivo e egípcio... Como um vibrante tecido turco ou uma estepe de fuxicos multicores que nos aconchegam a alma, as imagens saltam das telas dos computadores em uma terça-feira remota de 2022 com uma força inesperada em meio a narrativas de si que poetizam a mesmidade. Podemos ensaiar novos passos através de imagens que respigam o cotidiano de estéticas não percebidas?

Esta pergunta, tal como se guiasse um empreendimento ético-político-estético, foi base das ações desenvolvidas com uma turma de Filosofia da Educação II do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba ministrada pelo Prof. Dr. Diego Reis da Silva, um dos autores deste artigo. Ali, nós, um doutorando no seu devir-docente e um professor em seu devir-aprendiz, nos lançamos na proposta de experiências estéticas dos/as alunos/as com e a partir das imagens.

Sob a inspiração do filme-ensaio de Arlindo Machado (2003), cujo foco não está no desenvolvimento verbal de um texto escrito, mas na expressão subjetiva na forma de enunciados audiovisuais, pedimos que a turma, após a leitura do poema *Difícil fotografar o silêncio*, de Manoel de Barros, saísse dos seus cômodos, das suas casas, dos seus territórios habituais e percorresse outros espaços, fotografando percepções inesperadas e sensíveis, visando “caçar a beleza do nosso cotidiano”. Neste movimento de conservação dos perceptos e afectos por meio da materialidade (Deleuze; Guattari, 1992), neste caso fotografias, a vontade se lança na eternização das singularidades inesperadas, na emergência de um diagrama de forças que se evidencia pelo sopro gerado pela atividade em sala de aula.

Com este texto, seguindo a metodologia cartográfica inspirada nas filosofias da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011; 2012), objetivamos descrever, tecer e sentir as linhas de produção de si e do mundo que se revelam entre as narrativas imagéticas dos/as alunos/as, compreendendo que a arte é um campo de virtualidades que transforma a mesmidade do cotidiano em uma multiplicidade de diferenças. As fotografias nos mostram afetos felizes potentes na afirmação de uma vida que respira novos modos de sentir e de perceber, desterritorializando existências. Revelam, ainda, um exercício de criação que “põe em cena uma relação do dizível com o visível, uma relação que joga ao mesmo tempo com sua analogia e sua dessemelhança” (Rancière, 2012, p. 16).

Ensaio de uma vida: a experiência com a arte

Nesta cartografia, experiência é entendida como aquilo “[...] que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Larrosa, 2002, p. 21). Se atravessa o corpo, não percorre apenas as linhas do cognitivo, da razão, dimensões estas privilegiadas pela ciência moderna ocidental, mas toca as emoções, compõe com a memória da pele, dos nervos, do coração, dos sentidos.

Nos territórios da arte, consideramos que a experiência estética com as mais diferentes linguagens e expressões é potente no deslocamento dos sujeitos para uma territorialidade inesperada, cheia de vitalismos e nuances de criação. Daí pode emergir uma experiência extrapessoal, sem contorno pessoal, já que parte dos efeitos cambiantes das forças da biosfera, como diz Suely Rolnik (2018), compondo e recompondo os nossos corpos. Uma experiência que não diz respeito a um mero ato de comunicação, sendo este calcado em uma palavra de ordem sem vida, mas um ato criativo, como nos diz Deleuze (2017), que apela a um povo que falta, um povo que ainda está por acontecer e que habita a virtualidade e abertura dos movimentos intensivos nos/dos cotidianos.

Assim, como afirma Silvia Pillotto (2021, p. 172), “ao vincular os mais variados campos dos sentidos e da experiência, a arte abre-se para dilatações, potencializadas por um conjunto de especificidades e da coletividade”. Ainda segundo a autora, “[...] são percursos de rotas por vezes desconhecidas e imprevisíveis, mas sempre de experiências” (Idem). Experiências que, no percurso de vida e constituição das pessoas discentes, engendram diferentes modos de representação e significação do que se vê (ou não) e do que atravessa o campo de percepção de quem se lança à caça das imagens.

Neste aspecto, tomamos a marginalidade do gênero textual *ensaio*, visto este ser majoritariamente excluído do pensamento científico, como uma expressão possível de entrar em composição com o campo da arte pela expansão dada às capacidades criativas das subjetividades e linguagens. Para Machado (2003, p. 65), no ensaio “as paixões invocam o saber, as emoções arquitetam o pensamento, e o estilo burila o conceito”, pois não habita no dualismo da ciência entre razão e sensível, borrando as fronteiras e produzindo modos outros de conhecimento que ampliam os olhares sobre o mundo.

Ao falar dos filmes-ensaios, portanto, Machado (2003, p. 67) nos fala da câmera como uma caneta que narra e inscreve as experiências na seleção de fragmentos do campo visível que são dotados de significados particulares, com um certo ponto de vista “que por sua vez organiza o real sob uma perspectiva deliberada”. É uma ideia que também se aproxima Deleuze (2018, p. 33) ao falar da imagem cinematográfica, pois, para o filósofo francês, o enquadramento da câmera estabelece um conjunto fechado que “[...] é um sistema óptico que remete a um ponto de vista sobre o conjunto das partes”. Ou seja, a partir do momento em que um enquadramento da imagem é feito, uma percepção se instaura, uma subtração do entorno, ainda que o que está para além da captura constantemente se instaure sobre o já realizado.

Substituindo a caneta pela câmera, podemos mirar o mundo com uma nova perspectiva já que aguçamos os nossos olhares para os enquadramentos, seleção de objetos, tonalidades, construindo uma história que faça sentido, primeiramente, a nós mesmos/as. Produzir imagens é abrir-se às suas virtualidades, sabendo que estas jamais se esgotam em uma única realidade (Alloa, 2015) e voam como borboletas difíceis na sua apreensão concreta, pois carregam mudanças, transições e metamorfoses (Didi-Huberman, 2015).

Os filmes-ensaios, portanto, ou fotografias-ensaios, como em nosso exercício criativo, são modos outros de enxergar a diferença nos cotidianos, na mesmidade, na ausência de sentido que, por vezes, nos amargura e automatiza, nos impedindo de sentir. De sua criação, emergem imagens que são “movimentos e tempos, irrefreáveis e imprevisíveis” (Didi-Huberman, 2018, p. 163), linhas de força que frutificam em nosso corpo a memória, o desejo, o afeto, a rebeldia, o posicionamento.

Ensañar a captura de uma imagem, incapturável por definição e por princípio, é um exercício de deambulação e de fronteira que mobiliza o corpo inteiro em uma empreitada de abertura ao inusitado. O que aparece nesse trânsito, de modo fantasmagórico, expõe o que emerge do encontro entre o dispositivo, o real e sujeitos que se constituem em diferença. O que se guarda e o que se perde, e que transborda o quadro e o recorte da mirada, reafirmam a presença e o tempo como fundamento da vida e dos aprendizados do/pelo sensível.

Caçadores/as de beleza: sensibilizando os olhares

Partindo da ideia de que “[...] a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós” (Barros, 2006, p. 43), os/as alunos/as da turma de Filosofia da Educação II compartilharam em um mural virtual as fotografias-ensaio que foram tiradas após uma certa afecção, um momento de captura quando os olhares encontraram uma paisagem inesperada em seus cotidianos. Estética do assombro e da beleza, o estranhamento, como experiência filosófica por excelência, impõe interrupção e parada, tal qual o tempo em suspensão vivenciado em meio à pandemia que assolava o mundo.

Como ainda estávamos em aulas remotas, mediadas por outra tela, a do computador, a atividade possibilitou uma aproximação mais intensiva da turma, promovendo uma interação mais calorosa e dialógica, “[...] experiências que apontam diferenças, que envolvem tempos e relações” (Martins, 2015, p. 65).



Fig. 1, alunos/as 1 e 2, *Fragmentsos do mural (I)*, 2022. Fotografia. Fonte: autores.

Dialogando com estas impressões, uma das pessoas participantes resolveu fotografar a própria gratidão, como enunciado por ela, ao se deparar com um pôr do sol na volta do trabalho (1ª foto da figura 1), mostrando ser possível, por meio da arte, educar o olhar para poetizar o cotidiano já saturado. Isso nos mostra o quanto as experiências estéticas “[...] operam na intensificação da vida” (Almeida; Araújo, 2020, p. 14) e que é pela educação do sensível “que cultivamos nosso ser social, crítico e sensível” (Pillotto, 2021, p. 166), nos proporcionando outras miradas para nós mesmos/as e para o entorno.

Na segunda foto da figura 1, outro/a aluno/a nos narra o instantâneo que captura o cuidado do seu pai com as plantas da casa, a delicadeza do afeto que desabrocha em um instante fugaz da câmera, mas eternizado na atividade. O contraste entre o vermelho das pimentas e as folhas verdejantes que ocupam quase todo espaço da imagem revela o que brota e vinga, apesar das mortes que, durante a pandemia, eram atualizadas diariamente, em necrológios que se expandiam de forma vertiginosa.

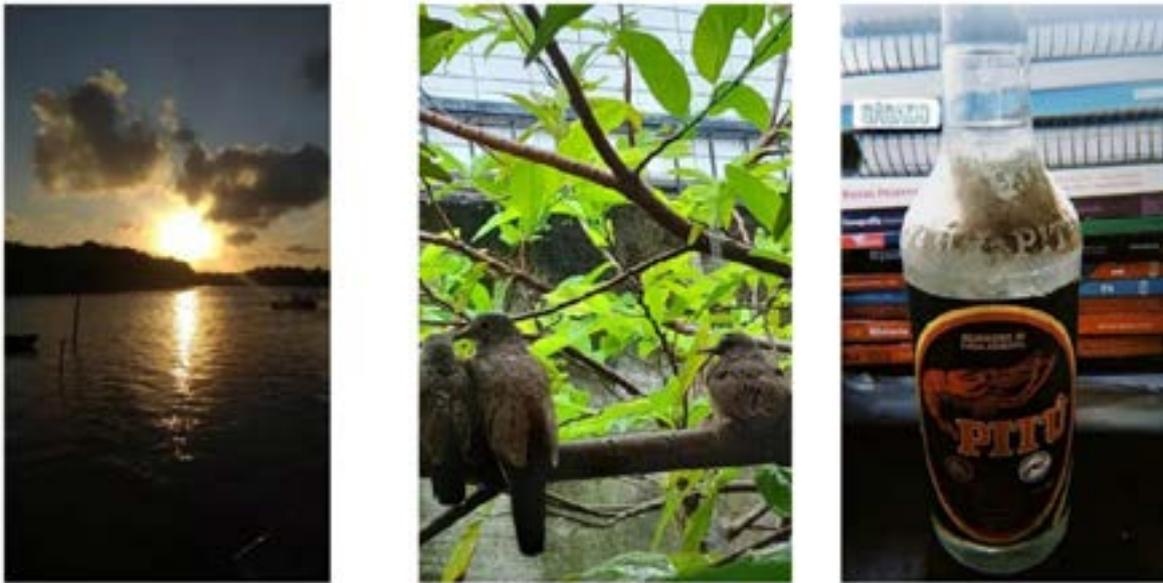


Fig. 2, alunos/as 3, 4 e 5, *Fragments do mural (II)*, 2022. Fotografia. Fonte: autores.

As imagens captam pontos de atenção que anteriormente eram ignorados pela velocidade que consome o tempo dos/as alunos/as e docentes. Tal como se permitissem um novo frescor na agitação das cidades, a criação de uma fotografia, a eternização de um espaço-tempo específico, permitiu que linhas, cores e contornos se transformassem em obras de arte, visto se tratarem de uma outra sensação que “[...] está pois sobre um outro plano diferente daquele dos mecanismos, dos dinamismos e das finalidades” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 272).

Como se apresentassem como *imagens-afecção* (Deleuze, 2018) onde o primeiro plano é carregado de uma leitura intensiva e afetiva do mundo, estas fotografias são criações baseadas na singularidade de cada encontro entre o/a aluno/a e o mundo. Se nos filmes, a imagem em primeiro plano revela uma expressão intensiva que fala de uma rostidade que não se mostra apenas nas faces humanas, mas também em um relógio, uma mão ou uma boneca, em seu extremo foco contador de histórias e emoções, por exemplo, as fotografias-ensaios dos/as estudantes são um tipo de imagem-afecção que são narrativas visuais profundas, cujos traços “[...] escapam do contorno, põem-se a trabalhar por sua própria conta e formam uma série autônoma que tende para um limite ou transpõe um limiar” (Deleuze, 2018, p. 144-145).

Ao criarem uma suspensão no tempo, na multiplicação corrente em que as atividades cotidianas da família, trabalho, faculdade etc. os/as lançam, as pessoas discentes desenharam também um plano de composição capaz de contrair o espaço, dando a ele um outro sentido. Conforme afirma Anita Leandro, “[...] uma práxis do audiovisual na educação é uma contrapartida a essa estética comercial, ou seja, uma produção de imagens que considere o tempo da reflexão, da assimilação do saber, da consolidação da memória”, sem desconsiderar que “é didático o material audiovisual que ensina o espectador a resistir à estética dominante, construindo um pensamento crítico em relação ao próprio meio utilizado no processo educativo” (Leandro, 2001, p. 34).



Fig. 3, aluno/a 6, *Fragmentos do mural (III)*, 2022. Fotografia. Fonte: autores.

A imagem acima corrobora para um movimento de educação do sensível proporcionado por este exercício com as imagens na pandemia. Se o cotidiano acelerado lança sobre os nossos olhares a lente do capital desejosa por produtividade, rapidez e indiferença ao entorno, a aluna nos lembra as vezes em que passamos por ruas e praças e sequer nos interessamos em saber o porquê de o nome de algumas pessoas figurarem ali. A atenção para o mundo, neste exercício, se amplia para uma outra afecção, e o foco para a ser “[...] o tempo puro, um pouco de tempo em estado puro, mais que movimento” (Deleuze, 2013, p. 81).

Vemos aí “[...] dois modos de apreensão da realidade, irredutivelmente paradoxais tanto em sua lógica como em sua dinâmica, e cujas marcas formam igualmente dois tipos de memória” (Rolnik, 2008, p. 17). Quando a oportunidade de intervalar o tempo surge, especialmente estimulada pela arte, como no poema de Manoel de Barros sugerido para a turma, uma memória é costurada pela atenção “[...] como uma abertura não apenas cognitiva, mas também intuitiva, perceptiva, emocional para o mundo que nos cerca, cuja presença se torna intensiva, logo, aberta à experimentação pela nossa potência criadora” (Silva Junior, 2022, p. 08).



Fig. 4, alunos/as 7 e 8, Fragmentos do mural (IV), 2022. Fotografia. Fonte: autores.

As imagens extraídas do mural revelam, ainda, vestígios do que se oculta e se mostra; escritas visuais de si que trabalham com regimes de visualidade que ora explicitam o dito/vivido, ora tornam opacas significações mais óbvias que interpelam quem observa. O conjunto de imagens acima traz, de um lado, símbolos das religiões de matrizes africanas que, na casa, tem lugar de destaque no que concerne às belezas cotidianas. A caça à beleza ganha os contornos do próprio caçador na cultura iorubá que, com seu fio de contas azul turquesa transverso, é signo da fartura, do alimento à mesa e da abundância, em um momento em que, no país, famílias como as de pessoas discentes que cursavam a disciplina, sofriam com a insegurança alimentar, a fome e a vulnerabilidade econômica.

Se a “fome também é professora”, como nos recorda a doutora Carolina Maria de Jesus (2021, p. 29) em seu *Quarto de Despejo*, a pujança do representado contrasta com o concreto à mostra na fotografia. Professoras eram, na pandemia, também aquelas que nos mostravam, diariamente, que a barriga vazia é óbice aos processos de ensino-aprendizagem e à dignidade plena. De outro lado, a imagem à direita expõe o contraste entre o que se mostra e o que desvanece diante das telas. Segundo a estudante, para ela, a fotografia exprimiria:

O emparedamento existencial. com as aulas ocorrendo de forma online, tem sido muito violento, desafiador e reflexivo passar o dia sentada na frente das telas. no ambiente que estou, longe de família e amigos, tem as paredes [...] hoje, olhando e enxergando, vi uma sombra, mesmo sendo noite; essa sombra e a parede me proporcionaram brincar com o reflexo da minha mão, me causando riso (Aluna, 2022).

O riso doído das sombras das mãos e as mãos atadas diante da solidão e do “emparedamento” retratam percepções e sentidos controversos. O desafio das aulas remotas emergenciais, a superexposição às telas e as sombras que se proliferaram como companhia na penumbra indicam como imagem, presença e seus simulacros

deslocam o percebido para o sentido. O movimento atesta que, em meio ao campo semântico atravessado pela morte, a imagem que se cria também é transformação e vida: imagens-vivas, matéria em movimento.

Matéria que, não raro, são de naturezas-mortas, espectros, *memento mori*. O duplo antitético que, entre vida e morte, permanece como rastro da imagem que insiste e na câmara escura que é quarto, casa e aparelho portátil de celular-câmara produz “um espaço estereográfico”, “um labirinto, uma galeria dos espelhos” (Krauss, 2014, p. 68) - um efeito de arte? Talvez aquilo que Susan Sontag (2004, p. 99), ao fim do ensaio *Mundo-imagem*, sublinhe quando atenta que: “[...] a força das imagens fotográficas provém de serem elas realidades materiais por si mesmas, depósitos fartamente informativos deixados no rastro do que quer que as tenha emitido, meios poderosos de tomar o lugar da realidade — ao transformar a realidade numa sombra”.

Considerações Finais

Os momentos compartilhados com a turma possibilitaram o desabrochar de narrativas intimistas, expressivas e emocionadas, por meio da experiência estética com as imagens dos/as próprios/as alunos/as. Como “há sujeitos adormecidos que precisam apenas de uma experiência estética” (Martins, 2015, p. 76), entendemos que a vivência possibilitou um novo olhar para a formação docente naquele curso de Pedagogia, além de possibilidades expressivas não supostas naquele momento, em plena pandemia.

A suspensão do tempo, proporcionada pelo momento de atenção e enquadramento, transformou espaços cotidianos ignorados, enchendo-os de uma estética inesperada; de uma percepção que desloca sentidos, espaços e tempos. No ensaio de uma vida, trabalhar com imagens proporcionou uma experiência estética significativa, por meio da qual a fotografia foi pensada via pedagogia da imagem, como matéria viva que dá a pensar. E que tem muito a revelar do modo como, hoje, se produzem e se pensam as imagens, a partir de diferentes paradigmas, meios e culturas visuais. Das relações e tensões entre a imagem e o irrepresentável; entre imagem e memória, emerge o que embaralha as fronteiras, aquilo que “não nos revela unicamente o que nos mostra, mas o que está mais além da própria imagem” (Quintana, 2012, p. 15).

Como declara Sueli Carneiro (2011, p. 84) no ensaio *Viveremos*, “é preciso ir ao encontro da vida para buscar forças para resistir”. Ao ensaiar outras possibilidades de representação, de figuração e de enunciação com imagens, a pedagogia da/com imagem abre caminhos para construção de conhecimento crítico que, em diversas linguagens e materialidades, desafia estudantes e educadoras/es à partilha do sensível. Partilha do que, diante do “emparedamento existencial”, convida à roda da vida – ao comum e ao modo como cada um/a toma parte nessa partilha (Rancière, 2009).

Referências

- ALLOA, Emmanuel. Entre a transparência e a opacidade – o que a imagem dá a pensar. In: ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Tradução de Carla Rodrigues, Fernando Fragozo, Aline Serra e Marianna Poyares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 07-19.
- ALMEIDA, Rogério de. ARAÚJO, Alberto Filipe de. A transcrição do mundo pela experiência: esboço para uma educação estética. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 53, p. 1-18, abr./jun. 2020.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2006.
- CARNEIRO, Sueli. “Viveremos”. In: CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles. O que é o ato de criação? In: DUARTE, Rodrigo (Org.). **O belo autônomo: textos clássicos de estética**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Crisálida, 2017, p. 385-398.
- DELEUZE, Gilles. **Cinema I – A imagem-movimento**. Tradução de Stella Senra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 4)**. Tradução de Suelly Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Aparecendo, desaparecendo, borboleteando. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. **Falenas: ensaios sobre a aparição**. Lisboa: KKYM, 2015, p. 09-61.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Olhos livres da história. **Revista Ícone**, Recife, v. 16, n. 2, p. 161-172, 2018.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2021.
- KRAUSS, Rosalind. Notas sobre Simulacro. **Revista Eco-Pós**, vol. 15, n. 1, p. 57–75, 2014. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v15i1.1192>

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr., p. 20-28, 2002.

LEANDRO, Anita. Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem. **Comunicação & Educação**, São Paulo, 21, p. 29-36, mai./ago. 2001.

MACHADO, Arlindo. O Filme-Ensaio. **Revista Concinnitas**, v. 2, n. 5, p. 63-75.

MARTINS, Mirian Celeste. No espelho de muitas faces: miradas caleidoscópicas sobre arte e vida, currículo e formação. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 8, n. 2, p. 62-79, mai./ago. 2015.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. (Entre)laçamentos: a imagem e o (entre)lugar da/na Educação Estética. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 15, n. 2, mai./ago. 2021.

QUINTANA, Ángel; DUSSEL, Inés. **Entre lo obvio y lo obtuso: notas sobre cine y educación**. Curso: Educación, i mágenes y medios Grupo 8. 2012. Disponível em: <http://virtual.flacso.org.ar/mod/book/view.php?id=5845>. Acesso em: 23 jan. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Tradução de Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ROLNIK, Suely. Memória do corpo contamina museu. **Concinnitas**, ano 9, v. 1, n. 12, jul. 2008.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. O currículo-imagem do videoclipe: educando olhares para diferenças de gênero e sexualidade. **Linhas Críticas**, v. 28, jan./dez. 2022.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Submissão: 02/03/2024

Aprovação: 27/08/2024